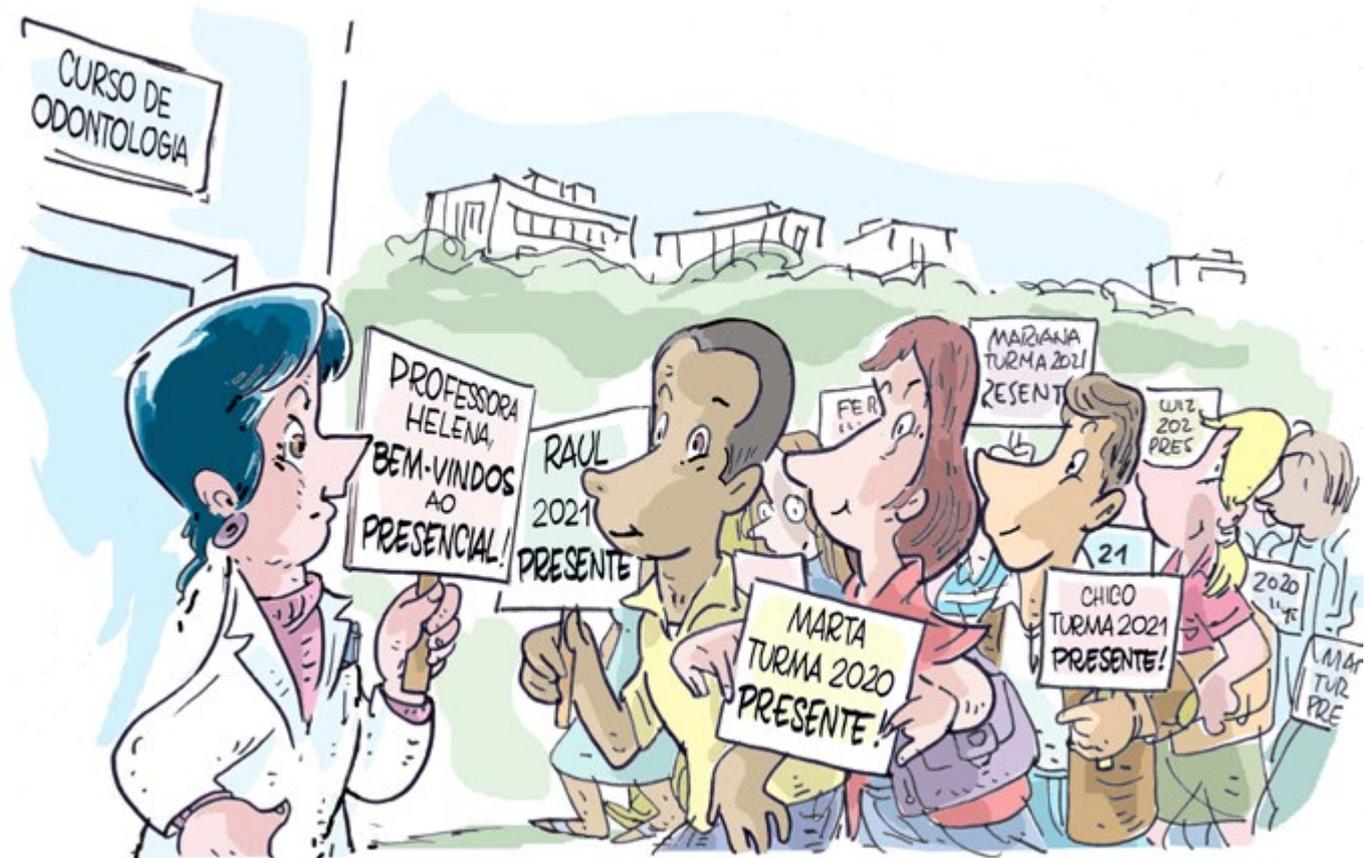


ENSINO HÍBRIDO, EXPERIÊNCIA NA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE RIBEIRÃO PRETO

Plauto Christopher Aranha Watanabe¹



Ao entrar em uma era de aprendizagem híbrida, é preciso pensar em soluções que integrem a totalidade de estudantes e docentes. Transformar parte das aulas em aulas remotas traz mudanças referentes não apenas à distância física entre as pessoas, mas também à falta de outros fatores muito importantes: envolvimento pessoal, contato visual entre as pessoas, avaliação da aprendizagem dos alunos através da linguagem corporal e a segurança que os estudantes sentem com a presença física de um instrutor. A manutenção dos relacionamentos é um dos maiores desafios. Como deve ocorrer numa área de saúde como a Odontologia?

Com a pandemia de Covid-19, “iniciada” no Brasil em fevereiro de 2020, algumas tendências que já despontavam e já começavam a impactar a educação no mundo, como é o caso do ensino híbrido (EH), tornaram-se iminentes também no Brasil. Claro que a evolução da tecnologia digital, de computadores, *softwares* e a clareza de que o processo ensino-aprendizado, já há algum tempo, deveria estar centrado no estudante, trouxeram de forma definitiva, a meu ver, a evidência do ensino híbrido, que na teoria possibilita agregar às experiências e metodologias convencionais da sala de aula a inovação, acesso e autonomia trazidos pelos recursos digitais, propiciando mais personalização e viabilizando criar experiências de aprendizagem, talvez mais envolventes para essa **geração Z** — seriam as pessoas nascidas entre 1995 e 2010, atualmente com 11 a 25 anos, que já nasceram em um mundo conectado e cresceram com um celular na mão, ou “nativos digitais”. Para eles, não existe divisão entre online e offline, já que estão conectados a todo momento, em todo lugar, o tempo todo². Esses meninos e meninas que vivenciam esse novo tipo de ensino, que promete formas de integrar facilmente tudo aquilo que já era feito presencialmente e que traria benefícios para o desenvolvimento desses estudantes. Para esses jovens, o ensino híbrido seria

algo natural — afinal, a realidade deles é híbrida. Eles fazem muitas coisas ao mesmo tempo, como conversar com a família enquanto jogam um game no *smartphone*, ou um jogo no computador, no Xbox, namoram, e respondem aos diversos grupos de zap, e mais algumas. Portanto, o ensino híbrido encontra aderência nas necessidades dos alunos por uma modernização na educação.

A proposta de ensino híbrido que a PRG tenta impor é válida?

Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. Na verdade, a educação sempre foi junto-e-misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias e públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a era da conectividade, é muito mais palpável, é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, mas é apropriado?! Na verdade, é complicado!

São muitas as questões que impactam o ensino híbrido, o qual não se reduz a metodologias ativas, ao mix de presencial e *online*, de sala de aula e outros espaços, mas que mostra que, por um lado, ensinar e aprender nunca foi tão fascinante, pelas inúmeras oportunidades oferecidas, e, por outro lado, tão frustrante, pelas dificuldades em conseguir que todos desenvolvam seu potencial e se mobilizem de verdade para evoluir sempre mais (MORAN, 2015, p.27 e 29).

Existem várias definições para o EH, que tem mudado o panorama da educação. Vejamos algumas:

- O ensino híbrido preconiza uma combinação cuidadosamente planejada de educação tradicional e presencial misturada com atividades de ensino-aprendizagem *online*. Assim, as aulas híbridas procuram expor o melhor desses dois estilos de educação, o presencial e o ensino a distância, em uma mesma experiência que cria oportunidades de aprendizado diferenciadas, propiciando, intencionalmente, experiências centradas no estudante. O EH é considerado uma metodologia ativa, isto é certo! Essas experiências educacionais vieram junto com a Era da Comunicação, com a informática ou equipamentos eletrônicos e novas tecnologias, somadas à necessidade de nova organização curricular e a didática enfatizada na formação de docentes (didática para o Ensino). Na educação, juntaram-se a isso algumas mudanças, como as trazidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), o que tornou ainda mais complexo esse desafio³.
- No ensino híbrido deveriam ser valorizadas as interações sociais no ambiente escolar e o aprendizado de forma singular, individual, a partir do acesso ao ambiente virtual, complementando-se, onde haveria para a educação mais dinâmica e personalização, com maior autonomia ao estudante para escolher local e horário para o seu aprendizado, além de adquirir conhecimentos importantes para o seu desenvolvimento profissional.
- Integração entre o *online* e o presencial. Um ensino híbrido de sucesso é tão potente quanto a relação entre suas duas partes: o presencial e

o *online*. Por isso, é preciso perceber o modelo como algo integrado — suas partes não devem ser planejadas e trabalhadas de forma não contextualizada. Essa integração requer um foco cuidadoso na experiência do aluno, para que ele tenha acesso a aulas e materiais empolgantes, interessantes e instigantes. Apenas inserir o conteúdo para leitura em casa e promover um trabalho presencial, por exemplo, não traz a inovação e não utiliza todo o potencial do ensino híbrido.

- Para Clayton Christensen Institute, dos EUA, o ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *online*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência. Assim, há uma mescla de estratégias de ensino *offline* e ferramentas digitais; possibilita personalizar o ensino para atender melhor às necessidades de aprendizagem dos estudantes, onde estes serão os protagonistas da sua aprendizagem; e transforma o papel do professor de transmissor para mediador do conhecimento.
- Para Lilian Bacich, diretora da Tríade Educacional e co-autora do livro *Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na Educação*, no ensino híbrido temos o que é para ser aprendido no presencial e o que é para ser aprendido no virtual e você conecta essas duas aprendizagens. A sala de aula invertida, o laboratório rotacional e a rotação por estações são alguns exemplos de modelos híbridos.
- Ensino híbrido é a metodologia que combina aprendizado *online* com o *offline*, em modelos que mesclam, misturam momentos em que o aluno estuda sozinho, de maneira virtual, com outros em que a aprendizagem ocorre de forma presencial, valorizando a interação entre pares e entre aluno e professor. Principalmente no presencial, os professores devem propor atividades que valorizem as interações interpessoais. Já a parte do ensino realizada com o auxílio de recursos digitais permite que o aluno tenha con-

trole sobre onde, como, o que e com quem vai estudar (Luiz Andrioli, diretor da PRÓ-EAD).

- De acordo com essa definição, portanto, aulas que acontecem no espaço físico da escola e são transmitidas ao vivo para quem está em casa (modelo HOT) NÃO se incluem na definição de ensino híbrido; aulas que acontecem no modelo remoto, com alunos e professores em suas casas, mesmo que combinando momentos síncronos e assíncronos, NÃO se incluem na definição de ensino híbrido; enriquecer aulas presenciais com um jogo online, ou com a apresentação de um *powerpoint* NÃO se incluem na definição de ensino híbrido, segundo Bacich⁴.
- Enfim, Integração e Metodologias Ativas são as palavras-chave no ensino híbrido.

Assim, as **metodologias ativas** de aprendizagem como o EH têm um caminho sem volta para a educação nestas últimas décadas, representando a modernização da educação democrática, trazendo mais motivação aos estudantes e o foco realmente centrado na aprendizagem.

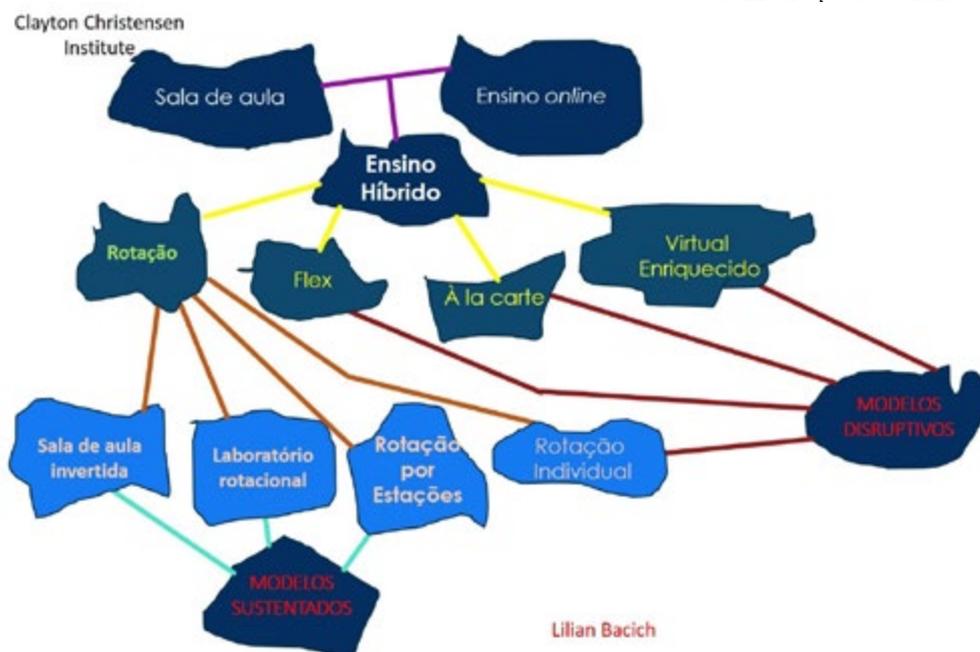


Figura 1 – Esquema das possibilidades/tipos do ensino híbrido

Bem, acredito que haja inovação, e esta deve ser um ponto de partida para um **crescimento educacional** que supra as necessidades da população, e que

seja de forma pública. Todas essas teorias e conceitos começaram a irradiar-se nos ensinos fundamental e médio, e nas universidades particulares. A Covid-19 misturou tudo.

De forma não tão esperada a inovação chegou na educação acelerada por conta do *novo coronavírus*, apresentando soluções de ensino online. Isso permitiu que o estudante realize suas tarefas e estudos em lugares remotos, diante de seu celular ou *tablet*. Claro, se tiver essas regalias. Mesmo necessário, não foi benéfico para muitos, pois nem todos têm o privilégio de possuir essas tecnologias. É a hora de juntar recursos e transmitir conhecimento de todas as formas, mas antes teríamos de pensar/planejar tudo isso. Mergulhar no digital e extrair dele os melhores recursos deve ser uma inovação sem volta. A exemplo disso, ainda temos de usar a nova forma de comunicação que está dominando grande parte da população, os *podcasts*! Excelente ferramenta, ágil, prática e inovadora que pode levar o conhecimento para todo canto.

Assim, é fácil de ver alguns benefícios do ensino híbrido. O objetivo é combinar as vantagens da educação presencial e a distância com o intuito de estimular as interações sociais e culturais e ainda proporcionar

o contato com as ferramentas tecnológicas do campo da educação: aperfeiçoamento da criatividade dos estudantes, engajamento; adaptabilidade para diferentes estilos de aprendizado; foco na autonomia do aluno; flexibilidade; estimular a capacidade de manter o foco e atenção, proximidade; construir e manter bons relacionamentos e atender às necessidades socioemocionais dos alunos é fundamental para implantar e ter um ensino híbrido bem-sucedido; aprendizagem para uso

do computador e uso da Internet; conhecimentos sobre o campo da informática, *softwares* e *hardwares*; aprendizado mais atual, moderno, que acompanha as mudanças da sociedade contemporânea.

Dificuldades do ensino híbrido?! Várias, principalmente neste momento

- Os estudantes entram na Universidade vindos de modelos muitos diferentes e pouco criativos;
- Como manter o foco em meio a uma pandemia descontrolada de um país em desenvolvimento?!;
- Será possível obter mais engajamento, com os estudantes morando com suas famílias, todos e casa, vivendo uma pandemia?! Será possível ter foco e atenção?!
• *Será hora desses estudantes estarem no controle dessa flexibilidade, quase que total?! Famílias desestruturadas, pai ou mãe ou pais desempregados; cortes nos gastos, rede de Internet intermitente. Em 2019, segundo o IBGE, o Brasil tinha quase 40 milhões de pessoas sem acesso à Internet, apesar da região Sudeste ser a segunda região mais conectada⁵;*
- Com metade dos estudantes que entraram na Universidade por meio das cotas, a aprendizagem computacional e uso da Internet pode ser um disparate, assim como os conhecimentos sobre o campo da informática, *softwares e hardwares*;
- Será que as atuais mudanças da sociedade contemporânea facilitam ou prejudicam esse desenvolvimento independente do aprendizado?!

Enfim, mesclar o ensino presencial e remoto, vivenciando o ensino híbrido, necessita de muito estudo e planejamento para essa realidade da Unidade, e determinar os princípios dessas condições-chave para a implementação, explicitando de que maneira a articulação entre momentos presenciais e remotos, com o uso de tecnologias digitais, pode efetivamente ampliar o tempo, o espaço e o ritmo de aprendizagem de estudantes. A Unidade precisa galgar uma visão estratégica e planejada para o uso dessa tecnologia na educação, preparando os docentes e funcionários para desenvolverem competências digitais, disponibilizar esses recursos digitais dispostos no Projeto Acadêmico da Unidade, currículo, é claro, e ainda ter uma infraestrutura adequada, enfim, uma preparação adequada, equilibrada e simultânea para capacitar o desenvolvimento desse tipo de ensino híbrido.

- Estudantes precisam ter um ótimo acesso à Internet (redes sociais, plataforma digital, entre outros) e a um ambiente virtual de aprendizagem disponibilizado pela Unidade, para acessar os conteúdos, enviar tarefas e acessar formulários. Claro que em suas residências e na Unidade. Sabemos que essa não é a realidade, nem com estudantes da FORP, que em geral possuem diferenciação sócio-econômica em maior grau;
- Estudantes sem acesso à Internet, ou com acesso compartilhado em celulares, terão muitas dificuldades em acompanhar esse desenvolvimento. O Curso de Odontologia da FORP possui muitos estudantes que têm residência familiar fora da cidade, e assim, terão de ter pelo menos dois planos de acesso à Internet;
- Estudantes sem acesso à Internet ainda poderiam receber materiais impressos, mas isso tem cada vez mais diminuído, visto que até a própria Unidade não tem mais esse serviço, e utilizamos as multi-impressoras, com papel e toner que em geral também possui alto custo (CIEB – Notas Técnicas #18).

Avaliação e currículo. A avaliação rotineira e formativa para as aprendizagens sempre é um desafio importante nessa proposta, e não será diferente no ensino híbrido. É necessário planejamento para identificar os avanços, os processos e os resultados de aprendizagem, bem como apoiar os docentes no planejamento desse novo tipo de experiência de aprendizagem. A utilização das metodologias ativas, onde o estudante está no centro desse processo avaliativo, fornecerá evidências de que os objetivos de aprendizagem foram alcançados ou não. Além disso será possível ao longo do percurso, com a avaliação formativa, ter oportunidade de replanejar as intervenções/ações educativas e retomar o que for necessário.

Claro que o currículo, como parte essencial do Projeto Acadêmico, onde veremos explicitamente as definições, ações para aquisição de habilidades e competências previstas, desde as Diretrizes Curriculares (MEC) e a BNCC, é essencial também neste modelo de ensino híbrido. Assim, será necessário fazer uma reorganização curricular para readequar aquelas habilidades que não foram contempladas em 2020. Conteúdos previstos no currículo serão os mesmos, porém a metodologia de



que os estudantes sentem com a presença física de um instrutor. O ambiente da faculdade não é apenas um ambiente de aprendizagem, mas também de troca, de convívio social, de academia, e a manutenção dos relacionamentos é um dos maiores desafios das instituições de ensino e dos professores. Como isso deve ocorrer em uma área de saúde como é a Odontologia?

Como diz a reportagem da *Folha Press* “Sem rosto e sem festa, calouros da pandemia perdem vida universitária”, entrar na universidade em 2021 é passar na USP e não sentir o sol queimar a pele na Praça do Re-

trabalho será diferente, possibilitando o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem.

Já há algum tempo as metodologias ativas sugerem que o aprendizado ocorra a partir de situações e problemas reais, e essas transformações foram aceleradas com o atípico cenário da pandemia da Covid-19. Isso induz à inserção de processos cognitivos mais complexos, proporcionando maior reflexão e o desenvolvimento da autonomia do(a) estudante, dentro do qual será possível o ritmo individualizado, melhor digerir os erros, experiências próprias, colaborativas, enfim compartilhar o conhecimento construído. Já nós professores estaremos conduzindo esse processo, com orientação, tutorização, referenciando os conteúdos, nivelando, para que os estudantes consigam aprender sozinhos. Para Freire (1967) é importante estimular os/as estudantes a relacionarem os saberes com seu cotidiano e a participarem de discussões no intuito de desenvolverem sua autonomia. Estamos preparados?! Novos docentes e docentes mais antigos foram treinados?!

Ao entrar em uma era de aprendizagem híbrida, é preciso pensar em soluções que integrem todos os estudantes junto ao(à)s docentes. Transformar parte das aulas em aulas remotas traz mudanças referentes não apenas à distância física entre as pessoas, mas também à falta de outros fatores muito importantes: envolvimento pessoal, contato visual entre as pessoas, avaliação da eficácia da aprendizagem dos alunos através da linguagem corporal e a segurança

lógico. Mas também não terão as aulas presenciais, privados pelo coronavírus. Não houve os passeios no Câmpus da USP de Ribeirão Preto, as fotos no lago, não sentiram o calor sufocante de Ribeirão Preto ao caminhar até o bandeirão. Sim, sem festa, sem conversa de corredor e muitas vezes sem rosto, já que boa parte das câmeras fica desligada nas aulas remotas. Trote (o BOM trote, é claro)?!?! Não, sem trote, sem pinturas na cara, conhecer a FORP somente em vídeos. Como diz outra parte da reportagem, “mas com o EAD sinto que é muito difícil estabelecer a mesma conexão”!

A experiência vivida com “EaD emergencial”

Desde março de 2020, tivemos de adaptar nossas atividades presenciais na FORP, na área de saúde Odontologia. A tecnologia desempenhou um papel primordial para permitir que os estudantes permanecessem conectados

Quando o novo coronavírus interrompeu as atividades presenciais em sala de aula e espanou o sistema educacional, os caciques educacionais, professores e estudantes a mudarem para o modelo remoto, também levou a um reexame da educação de uma forma bem mais ampla. Desde março de 2020, tivemos de adaptar nossas atividades normais presenciais na FORP, na área de saúde Odontologia. Como? Deveríamos continuar com as aulas. A tecnologia desempenhou um papel primordial para permitir que os estudantes permanecessem conectados, na rede, engajados e, seria formidável se ocorresse, motivados com a continuação das aulas e com seu aprendizado para formação profissional.

No início de março de 2020 já recebíamos em Ribeirão Preto divulgação sobre oficinas Moodle da USP e e-Disciplinas, apesar de parecer meio visionário a USP já pensava há tempos na implementação real dessas ferramentas para o ensino remoto.

A Adusp, em assembleia, deliberou paralisação em 18 de março, Greve Nacional pela Educação e pelo Serviço Público.

Em e-mail aos docentes a Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPG) delibera que durante a epidemia da Covid-19, se houver anuência do coordenador do Programa e do presidente da respectiva Comissão de Pós-Graduação (CPG), fica autorizada ao aluno e ao seu orientador participação por videoconferência em defesas de dissertações e teses. O Regimento da Pós-Graduação no seu artigo 62, parágrafo 5º, prevê que disciplinas possam ser ministradas de forma não presencial após aprovação da Câmara Curricular da PRPG.

A Prefeitura do Campus USP-RP, em função de uma “nota oficial” que lhe foi atribuída e circulava nas redes sociais sobre o coronavírus na USP de Ribeirão Preto, informa que até o momento não havia sido identificado nenhum caso confirmado na comunidade local.

Já a mídia nacional advertia: “Contra epidemia, Brasil tem de parar, dizem especialistas” (*Folha de S. Paulo*, 14/3/2020).

Logo em seguida, após reunião com os dirigentes da USP, na qual a Reitoria e as pró-reitorias apresentaram uma série de medidas adotadas, o Gabinete do Reitor (GR) comunicava:

1. As atividades-fim de uma universidade pública de pesquisa não podem ser paralisadas, mesmo em

momentos de grande comoção social. A universidade deve servir de âncora para a superação dos problemas da população. É uma entidade proativa com a qual a sociedade pode contar.

2. Temos que procurar minimizar os danos na formação dos nossos alunos, lembrando que quase 90 mil jovens confiaram seu futuro a nós. Mais ainda, a sociedade está esperando que cerca de 15 mil profissionais concluam seus estudos este ano para poderem colaborar com o desenvolvimento do país, principalmente neste grave momento.

De qualquer forma o Comunicado do GR frisa: “As colocações acima devem ser atendidas sem colocar a comunidade em risco, garantindo a segurança de todos os atores. Pretendemos oferecer aos nossos alunos a oportunidade de continuar com as atividades discentes, mesmo com a suspensão das aulas presenciais. Pedimos aos responsáveis pelas disciplinas que proporcionem atividades extra-classe, que podem ser desde estudos dirigidos até o uso de ferramentas modernas de EaD. As Pró-Reitorias e diversas unidades estão franqueando o acesso a essas ferramentas aos professores interessados, incluindo seu treinamento”.

O comunicado ainda ia mais adiante: “Essas atividades didáticas a distância, durante o período de suspensão, serão computadas na frequência dos estudantes e valerão créditos para eles e para os docentes. Poderão substituir parcial ou totalmente as semanas de aulas presenciais não oferecidas. Com isso, após o retorno das aulas presenciais, o período de reposição poderá ser curto, priorizando as atividades práticas e experimentais. Logicamente, a qualidade é um atributo indiscutível para essas atividades”.

Ministramos aulas teóricas via Google Meet e/ou Zoom entre março e julho de 2020, incluindo muitas vezes exercícios práticos, possíveis de serem feitos à distância, pelo menos para minha área de Radiologia Odontológica e Imagiologia. Mas o Curso de Odontologia tem muitas atividades práticas, em clínica e/ou laboratorial, com pacientes e/ou manequins (*phantoms*) e isso é claro ficou inviável. No retorno, agora (será que vai ocorrer?!), esperamos que nossos alunos se recordem das aulas remotas que vivenciaram há um ano para, agora sim, irem para os laboratórios e/ou clínicas.

O ensino híbrido é um dos modelos que mais têm sido citados e relacionados ao contexto do retorno, mesmo durante o ano de 2020. Isso porque sua base está fundamentada, teoricamente, justamente em ambientes com menos estudantes presentes fisicamente, com momentos de interações a distância e, claro, por ele oferecer ferramentas alinhadas a todas essas condições. Mas toda essa fundamentação estava prevista e experimentada no ensino superior? Nas universidades públicas? E a área de saúde, como a Odontologia, sem laboratórios, sem pacientes?

**Que poderá vir pela frente?
Como construir e manter bons relacionamentos, atender às necessidades socioemocionais dos estudantes para implantar e ter ensino híbrido bem-sucedido se nem conhecemos, p.ex., os estudantes do primeiro ano de 2020 — hoje, 2021, no segundo ano?! Como ministrar a teoria sem a prática?!**

Como construir e manter esses bons relacionamentos, atender às necessidades socioemocionais dos estudantes para implantar e ter um ensino híbrido bem-sucedido se nem conhecemos, p.ex., os estudantes do primeiro ano de 2020, hoje, 2021, no segundo ano?!

O ensino híbrido como caminho para a retomada não é um modismo: acredito que ele veio para ficar. Antes da pandemia, ele já era considerado uma das tendências mais relevantes na educação. Com a Covid-19, sua importância e seu potencial se evidenciaram, principalmente para as instituições não públicas na educação superior. E assim será na retomada. O ensino híbrido como aliado para reduzir o número de estudantes em sala de aula e para fornecer atrativos para manter esses estudantes engajados nesse momento ímpar.

Isso exigirá muito foco no relacionamento, ou seja: conexão do estudante com o professor antes de ele se conectar com o conteúdo. Como construir e manter esses bons relacionamentos, atender às necessidades socioemocionais dos estudantes para implantar e ter um ensino híbrido bem-sucedido se nem conhecemos, p.ex., os estudantes do primeiro ano de 2020 — hoje, 2021, no segundo ano?! Como ministrar a teoria sem a prática?! Não houve tempo para planejamento pensado, já que a cada semana pensamos em fechar, pensamos em abrir, pensamos em *lockdown*, pensamos em morte, pensamos em viver. Impossível promover relacionamentos positivos entre colegas e nutrir um ambiente de aprendizagem seguro e de apoio.

Claro que o ensino remoto tem inúmeras qualidades/utilidades, mas para a área de saúde, é — apenas e tão somente — emergencial e pensamos serem inaceitáveis as substituições do ensino presencial, seja pelo ensino a distância (EAD), seja pelo formato híbrido.

Nosso Curso de Odontologia está centrado nas Diretrizes Curriculares do MEC, e é claro no Sistema Único de Saúde (SUS), que prevê uma assistência universal, integral e equânime. Assim, a saúde deve ser encarada como resultante do bem-estar físico, mental e social do indivíduo, como bem disse Sérgio Arouca, médico sanitário:

“A saúde começa a ganhar uma dimensão muito maior do que simplesmente uma questão de hospitais, de medicamentos. Ela se supera e quase que significa, num certo instante, o nível e qualidade de vida, algumas vezes qualidade de vida ainda não conseguida, mas sempre desejada” (Arouca, 1987: 36).

O pensamento hegemônico predominante nas instituições de ensino superior, na área da saúde, entende que o acúmulo de conhecimento é suficiente para a execução de uma atividade profissional. “[...] o modelo predominante de formação sustenta-se no pressuposto de que uma prática profissional de excelência é obtida pelo domínio de uma sólida base de conhecimentos teóricos. Sob essa ótica, a formação especializada busca oferecer disciplinas atualizadas em termos dos conhecimentos científicos disponíveis, de forma a dar sólidos fundamentos que automaticamente sejam transferidos e aplicados de forma competente nas situações de prática profissional” (Ribeiro & Lima, 2003: 47).

Nossos currículos são, na sua maioria, fragmentados em disciplinas, e poucos estudantes conseguem integrar esses conteúdos ou práticas, isolando o conhecimento (Saippa-Oliveira, Koifman & Pinheiro, 2005). Se o estudante for capaz de sustentar as novas informações com os conceitos já absorvidos cognitivamente, poderemos falar do conceito de aprendizagem significativa, introduzido por David Paul Ausubel (1918-2008) na década de 1960. Já tivemos há pouco tempo, no Curso de Odontologia, estudantes inseridos desde o início da graduação em unidades de atendimento, em disciplinas chamadas clínicas, participando de, ou realizando, atividades práticas ou atendimentos, com a oportunidade de inserção precoce no ambiente de desempenho profissional. Essa estratégia estava relacionada diretamente à necessidade de realizar maior aproximação entre teoria e prática, fazendo com que o estudante conseguisse perceber e experimentar a indissociabilidade das disciplinas que compõem o currículo e da prática profissional a ser desempenhada. Infelizmente essa experiência foi interrompida, pois as pessoas não conseguiram implementá-la de maneira harmônica (Marsden, 2009).

Como integrar teoria ministrada remotamente há quase um ano e a prática clínica, ainda em meio à pandemia?!

O futuro da educação com o ensino híbrido tem sido empolgante para a maioria dos docentes, mas é preciso ter os pés no chão, e dar tempo à prática, que certamente os ânimos serão serenados. Se pudermos combinar cuidado-

samente a tecnologia e a autonomia com princípios sólidos de educação, sem um sobrepesar negativamente o outro, essa equação poderia apresentar um resultado surpreendente. Porém, não se vislumbrou uma epidemia com grave crise sócio-econômica e um gigantesco desgoverno.

No primeiro ano de USP, ainda como auxiliar de ensino, junto com meu tutor, professor José Roberto Tamburus, desenvolvemos uma metodologia de ensino adaptada do Problem Based Learning (PBL) para nossa disciplina de graduação, Radiologia Básica. Nós a utilizamos por mais de vinte anos, sendo exceção à regra, e forçadamente foi descontinuada, pois o todo acabou prevalecendo, e nossa força a esse pretexto, a frase de Guimarães Rosa, foi superada: “Mestre não é quem sempre ensina, mas de repente quem aprende”.

Ainda assim, entendo que a melhor forma de ensino é a que pretende conseguir a integração do conteúdo, parte do todo a ser compartilhado, com a vida cotidiana. Ela procura construir no estudante o hábito de procurar as pontes e as influências mútuas existentes entre teoria e prática, entre o experimentado e o aprendido. Creio que devemos insistir nesta dimensão integradora, onde a teoria pode ser construída a partir da prática, que novamente se alimenta dessa teoria.

Assim, na concepção dialética não podemos conceber a teoria separada da prática, pois não pode existir “uma teoria solta, o que existe é sempre a teoria de uma prática” (GAMBOA, 2010, p. 7).

Referências

- <https://www.youtube.com/watch?v=VovagFMZFhw>
http://edudownloads.azureedge.net/msdownloads/Microsoft_Education_Classof2030.pdf
<https://www.codlearningtech.org/PDF/hybridteachingworkbook.pdf>
<https://thejournal.com/articles/2014/12/18/hybrid-classes-outlearn-traditional-classes.aspx>
MARSDEN, Melissa A *indissociabilidade entre teoria e prática: experiências de ensino na formação de profissionais de saúde nos níveis superior e médio*. (Rio de Janeiro: s.n., 2009).
Centro de Inovação para a Educação Brasileira. CIEB : notas técnicas #18: ensino híbrido e o uso das tecnologias digitais na educação básica. [recursos eletrônicos] Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB). São Paulo: CIEB, 2021.
MORAN, J. Prefácio. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. *Ensino Híbrido – personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

Notas

- 1 Professor da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP-USP) desde 1988.
- 2 <https://rockcontent.com/br/blog/dossie-das-geracoes/>
- 3 Guia do Ensino híbrido: Dicas para Implementação (www.fazeducacao.com.br).
- 4 BACICH, Lillian. *Ensino híbrido: esclarecendo o conceito*. “Inovação na educação”. São Paulo, 13/9/2020. Disponível em <https://lilianbacich.com/2020/09/13/ensino-hibrido-esclarecendo-o-conceito/>
- 5 Esse número representa 21,7% da população com idade acima de 10 anos: vide <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/04/14/em-2019-brasil-tinha-quase-40-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 14/04/2021.